

Entrevista com Jocelyne Louise Chamazeau, em São Paulo,  
no dia 09 de março de 1977.

A) - Jocelyne, eu queria te perguntar quais foram os motivos que levaram a você a fazer o Curso de Serviço Social?

J) - Deixa eu pensar um pouco.

Olha, em primeiro lugar, é evidente, o interesse por ter uma profissão.

Mas aí, talvez, até o motivo tenha até sido meio acidental.

Eu estava interessada em fazer uma Faculdade de Letras e fiquei doente.

Nesse pouco tempo, como conheço muita gente da Escola de Serviço Social, eu fui fazer uma visita à Escola.

Alguém, foi D. Odila:

Porque você não presta vestibular?

Eu nem sabia direito o que era, mas eu tinha ideia de que era uma coisa que me interessava, no sentido de procurar reforma social.

Então, eu estava preocupada com o problema operário, principalmente.

E outra coisa, eu era professora normalista e estava muito decepcionada com a profissão, com o ensino primário, porque eu não via possibilidade, realmente de ser eficiente no ensino, quando eu conhecia tantos alunos em condições muito precária subalimentação, inclusive até de vestuário, habitação.

Então, eu acho realmente que no ensino eu ia fazer muito pouco.

E a perspectiva do Serviço Social, numa linha que eu imaginava, em que a gente fosse realmente transformar o mundo e conseguir uma reforma social, me entusiasmou.

Então, me decidi finalmente, por causa dessa perspectiva.

A) - Essa perspectiva, que você tinha, era consequência de algum movimento religioso ou era uma formação familiar, ou foi a sua vivência?

J) - Olha, era um interesse assim familiar e pessoal.

Não sei se vale apenas contar muita história, mas, por exemplo, um fato marcou a minha vida.

Eu era criança e vi uma vez, num bairro operário, uns homens apanhando da cavalaria.

Então eu perguntei : O que é isso ?

E meu irmão disse : - São operários que estão lutando, porque eles querem ter direito às férias.

A) - Aqui no Brasil ?

J) - São Paulo.

A) - São Paulo ?

J) - Esse fato marcou a minha vida e eu fiquei pensando : - Moço ainda tem gente que luta por <sup>l</sup>essas coisas, que não tem esse direito ?

Eu sempre digo aos meus alunos, quando alguém assina calmamente um termo de férias. - Porque está correndo tanto ? Não pensa que muita gente morreu por isso.

Então foi um negócio assim.

Naquela época, a gente era muito sensível à esses aspectos sociais, não sei porque havia sempre pelo Brasil inteiro, aqui em São Paulo, na época anterior da revolução de 30 e havia toda uma agitação social. De modo que, a gente falava então em questão social e nessa coisa toda, preocupada e depois ...

A - A sua família discutia esse assunto ?

J) - Ah ! Tremendamente. Porque a política gira em torno disso, não é ?

A) - Sei.

J) - Havia assim, inclusive a gente sentia muito naquela época, havia bem o problema do " Coronelismo ".

A) - Sei.

J) - De modo que se tornou assim, a gente sentia muito naquela época, a separação social. Isso, o fenômeno era agudo, discutir publicamente ...

A) - Sei.

J) - Porque, então, em criança se tornava consciente do problema.

A) - Sei.

J) - Bom, esse foi um aspecto, agora ...

A) - Quer dizer que não houve nenhuma influência religiosa ?

J) - Não, deve haver.

Depois, é que conheci o pessoal da Ação Católica.

Então foi aí aquela toda agitação de jovens.

Principalmente o grupo da Escola, que era quase toda da Ação Católica e eu também entrei

A) - Quer dizer que o que mais influiu mesmo foi esse fato, não é ?

J) - Talvez.

A) - Talvez o fato, não é ?

J) - É, talvez o fato.

A) - E também propriamente ...

J) - Pessoal, ambiente de família ...

A) - De família que já havia discutido isso, não é ?

Agora, em que ano você entrou ?

J) - Eu entrei em 1938.

A) - Ah ! 38.

Final das primeiras turmas, não é ?

J) - Sei, deve ter sido da segunda ou da terceira turma.

A) - É, porque a primeira foi em 36.

J) - É.

A) - Não ? O que você ia dizer que eu te cortei ?

J) -- Agora eu não estou me lembrando ...

A) - É que nós estávamos falando ...

J) - Você tinha falado ?

A) - Sobre sua entrada no Curso de Serviço Social e eu estava perguntando se era realmente influência pessoal, <sup>ou</sup> tinha sido mais uma influência de família ?

J) - É de família, que resolvi entrar, como no anterior.

A) - Sei, ... ?

O Jô, não é Jô, que todo mundo <sup>não</sup> chama, não é ?

J) - É, tem duas Jô em São Paulo, não é ?

A) - É.

J) - A Jocelyne Guimaraes e eu.

A) - Ô Jó, como é o currículum da primeira Escola do Serviço Social ?

Você aí no caso de São Paulo ?

J) - Bem, eu não consigo mais assim faz tanto tempo ...

A) - Precisar.

J) - Precisar. Eu me lembro por exemplo, que nós tínhamos as matérias que dão um embasamento, assim como no momento a Psicologia, a Sociologia, Direito, parece que tínhamos alguma coisa de Administração.

Estudávamos um pouco de Filosofia e Lógica, também.

A) - Hum !

J) - Depois tínhamos Serviço Social de Caso, com Maria Kiehl.

Eu fui de uma turma em que não se estudava Grupo nem Comunidade.

A) - Hum !

J) - Agora, a grande diferença que a gente nota, é que naquela época, realmente, havia uma preponderância de aspecto filosófico.

E isto para o aluno, colava ... o aluno sentia o seguinte problema :

De um lado a gente era profundamente motivada com uma atuação social, não é ?

Os valores de nós todos eram formados nesse sentido.

Agora, a gente saia meio perplexo, pensando :

Como eu vou atuar ?

E eu acredito que os Assistentes Sociais, que se formaram posteriormente, nesse sentido, eles tinham mais segurança de atuação .

A) - Isso que eu queria saber.

J) - Agora, comigo aconteceu uma coisa.

Eu não comecei a trabalhar imediatamente no Serviço Social.

Então quando eu retornei, já estava muito mais definitiva esta posição.

Então, eu não sentia realmente, a grande dificuldade de desbravar caminho, nesse sentido da técnica.

A) - E você terminou logo o curso, ou não ?

J) - Não. Eu termiei em 43.

Levei algum tempo para me formar, mas realmente só comecei a trabalhar em Serviço Social, só a partir de 1950.

De modo que eu não vivi essa fase, que parece que para os alunos foi muito importante, que realmente os Assistentes Sociais começaram a se preparar mais com o

Acredito que se preocuaram demais até.

A) - Sei.

J) - Mas havia uma necessidade mesmo para ter um embasamento para ação profissional.

A) - Sei.

Mas, em seu curso você não fez estágio ?

Não chegou a ir para alguma Obra Social ?

J) - Eu fiz estágio.

Meu primeiro estágio foi num sindicato de Sorocaba, no Sindicato dos Tecelões e a função de Assistente Social, no caso, era o seguinte .

Não era propriamente um trabalho junto ao Sindicato.

O Sindicato tinha um Departamento Feminino, e as operárias, estavam interessadas em aumentar os seus conhecimentos.

Então, uma Assistente Social, que era Fiscal Sindical, achou que seria interessante que uma aluna estagiasse lá, para fazer também a parte que nós chamávamos de "formação social".

Agora, o estágio voltou por um motivo muito simples:

O Sindicato de Bangú, não teve mais dinheiro para manter o curso.

A) - Hum :

J) - E nem pagar o profissional.

De modo que eles terminaram, mas foi uma experiência muito interessante.

A) - Sei.

Mas você é quem escolheu esse estágio ?

J) - Não.

Eu não escolhi esse estágio, mas eu me interessei muito por ele.

Estava nas Laranjeiras.

A) - Estava na experiência da JOC, não é ? ( riscos )

J) - Isso mesmo.

Então, nas linhas das realizações achei ótimo.

A) - Ah ! Sei.

J) - Foi a primeira vez por exemplo que eu vi uma fábrica.

E eu vi o que era realmente acordar às quatro e meio da manhã e viver o dia a dia deles.

Então, eu fui até lá e numca por exemplo imaginei, que além daquela problema de transporte, uma tecelagem tivesse aquele alarido ensurdecedor, que a gente nem consegue se comunicar, sabe ?

Era um problema tremendo.

Então pude imaginar o cansaço delas, no fim do dia, viu ?

Elas iam dormindo porque acordavam muito cedo e voltavam dormindo porque não aguentavam mais de trabalhar.

Então, levanta-se também o problema era saber que, depois de um dia de trabalho assim exaustivo, aquelas que realmente queriam estudar e frequentar aquele curso do Sindicato, eram umas heroínas.

A) - Você acha que o que vocês aprendiam na Escola ajudava vocês no trabalho, nos campos de estágio, o que você aprendeu na época, não é ?

Quando você foi atuar lá no Sindicato ?

Esses conhecimentos vividos na Escola ?

J) - Eu acho que eles ajudaram fundamentalmente em relação ao interesse, a motivação tremenda que nós tínhamos para o trabalho e também numa linha de tentar diagnosticar o problema social.

Embora naquela época se falasse, talvez muito pouco em prognóstico, mas no fundo o que a gente temia era diagnosticar os problemas e <sup>nenh</sup> encontrar soluções.

Agora, realmente, a gente se sentia muito deficiente quanto a atuação técnica , viu ?

Que a gente hoje só trabalha melhor tendo essas condições.

Vocês querem mais um cafésinho ?

(Não, quanto a isso não houve nenhum problema assim de ... )

A) - Alguma experiência que você queria colocar para a gente ?

Eu posso até deixar para o final ...

J) - Sei .

A) - Essa parte para você colocar; o hoje, não é ?

Como você está ?

Mas ô Jô, então a pergunta que eu queria te fazer é a seguinte :

Os Assistentes Sociais, eu sei que como você disse no início, já havia um clima

Quer dizer, mas você acha que as primeiras Assistentes Sociais tinham esse conhecimento, que você tinha no caso?

De conhecer a situação política, situação econômica, a situação social, que estava acontecendo historicamente houve um grande interesse pelo que se chama <sup>questão</sup> evasão social?

J) - Inclusive às origens da Escola ...

A) - Sei.

J) - Depois da revolução de 32.

A) - Sei.

J) - Houve aquele problema de assistência, se não me lembro à órfãos e revolução.

E ao mesmo tempo, era uma época de grande fomentação social ..., grande agitação social.

Então, realmente se colocava problema de questão social, de uma interferência assim nesse campo, sabe?

Elá vem em nítida preocupação de todos ..:

A) - Das primeiras Assistentes Sociais ...

J) - Por parte dos professores e por parte dos colegas.

Creio que aí, à essa época, também já era idéia assim de todo movimento da Igreja, de todo movimento social da Igreja.

Naquela época em relação ao movimento, quer dizer JOC foi uma delas, toda manifestação e tudo mais, havia aquela preocupação.

A) - Sei.

Como é que você vê a introdução do Serviço Social no Brasil?

J) - A introdução em que sentido? Desde ...

A) - Como ele foi introduzido, como você vê?

J) - Bom, históricamente, quer dizer, foi esse problema de ... não, quando algumas pessoas começaram a se interessar pelo problema social, se apelou para que as Assistentes Sociais da Bélgica, não é?

que trouxeram então conhecimento, essa filosofia de vida, bem contesto europeu sendo o porque da situação do que o curso da atuação que veio depois em relação às técnicas.

Agora, não sei se isso na época, correspondia, não posso, não tenho nem idéia do que isso representava assim no geral, quanto a situação do país.

8  
não sei disso.

De pessoas quase todas de classe média, ou mesmo até de uma elite que estavam preocupadas com o problema.

Não tenho também nenhuma idéia da representatividade desse tipo de introdução desse curso em relação a toda sociedade brasileira.

- A) - Não sei de que tipo de classe que você diz, dessas pessoas, que pessoas seriam essas  
J) - Em geral quase todas.

Em primeiro lugar elemento feminino, que foi bem marcante e quase todo elemento feminino da classe média e mesmo pessoas assim de classe social bem alta, que estavam interessada na solução desses problemas sociais.

- A) - Eram pessoas, católicas? Ou não?

J) - Essas que eu conhecia, bem realmente eram pessoas católicas, sim.

- A) - O Jocelyne, como é que você vê a evolução do Serviço Social no Brasil?

De assim fôse, hem? (risos)

- ANA) - Eu diria antes, você pode afirmar que esse movimento de ação Social, foi só aqui em São Paulo, da Igreja?

Não havia outros Grupos?

- J) - Não.

Deveria haver, apenas a gente nunca, talvez a separação não fosse muito mais nítida antigamente.

Possivelmente havia outros Grupos, sabe?

E inclusive ...

- ANA) - Mas não fundou outras Escolas?

Outras atividades de Serviço Social?

- J) - Não, não fundou.

Os movimentos que por ventura tenham existido, acredito que tenham existidos mesmo, que eu saiba, não se concretizaram, sem Escola de Serviço Social, acho que não.

- ANA) - Nem outro tipo, tenha sido dado.

- J) - É, agora eu estou pensando, talvez na Universidade, porque quase tudo isso também, coincidiu com a fundação da nossa Universidade.

Então, é possível que as pessoas, que muitas outras pessoas com o mesmo tipo de interesse, tivessem ido para a Faculdade de Filosofia, para a Escola de Sociologia.

É possível, viu ?

Eu não posso afirmar nada nesse sentido, mas era realmente uma época assim, que essas ideias motivaram muito as pessoas e é possível que talvez um certo número de estudiosos tenham se dedicado à problemas sociais, numa outra área.

Eu não sei, e nem posso talvez dizer com certeza, se a fundação da Escola de Sociologia e Política, foi dessa época, mas possivelmente deve ter sido, viu ?

A) - Bom, eu não sei porque num documento da D. Odila, ela colocava numa conferência, (ela colocava) que não tinha sido nem criada ainda a Escola de Sociologia.

J) - É possível que tenha sido um pouco posterior,  
Não tenho certeza.

A) - Quando ela colocava aqueles problemas sociais.

J) - Sei.

A) - Assim toda uma situação, em que num país como esse que ainda nem tem recursos, tenha sido logo depois qualquer coisa.

J) - Olha, o problema é o seguinte :  
Nós estamos falando. A Escola foi fundada em 36, não é ?

A) - É.

J) - Agora, um pouco antes de 30, já havia realmente muita preocupação, inclusive, ~~muita~~ agitação operária, em torno disso, não é ?  
A questão ficava quase em torno do operário.

É interessante a gente ver como agora, a gente pensa muito mais em termos gerais, de situação, de população carente, desenvolvimento.

Mas naquele tempo eram assim :

Questão social de classe, estava; operariado e empresariado.

A) - O Brasil estava numa fase ...

J) - Numa fase de industrialização.

A) - Já exigindo uma legislação.

J) - Então, houve toda uma época anterior em que esses problemas foram muito rigorosamente discutidos.

E é possível, eu não sei, se eles fizeram mais barulho em São Paulo, eu não tenho idéia. Mas também, dá uma certa lógica, que tenha sido por causa da industrialização que vinha vindo, não é ?

A) - Aqui em São Paulo.

J) - Tanto houvesse uma consciência da população muito mais aguda em torno desse problema.

A) - Agora, voltando a questão :

— Como é que a senhora vê a evolução ?

Essa fase que nós estamos conversando, a senhora considera uma fase ?

J) - Sim.

Talvez tenha sido a primeira fase.

A segunda fase está que se deu muita preponderância ao método e a técnica.

A) - Sei.

A ida das Assistentes Sociais aos Estados Unidos, trazendo então conhecimento de técnica.

J) - E ao mesmo tempo foi a fase também, que o Serviço Social se firmou como profissão, não é ?

As Assistentes Sociais começaram realmente a se profissionalizar, a trabalhar em diversos serviços e firmaram sua atuação nessa linha.

A) - Sei.

J) - Agora, não sei se nós estamos já numa fase em que nós conseguimos crédito que nós temos realmente esse grande condicionamento ao método.

E nem parece que nós estamos agora numa terceira fase, que na linha daquelas idéias, que nós estávamos discutindo anteriormente.

A) - Da América Latina.

J) - Eu acho que é uma linha assim de encontrar soluções, modelos de atuações, alternativas e tudo mais, o que é que a gente pode fazer ?

E seria ideal que um dia a gente tivesse aquela visão filosófica que nos permitisse realmente atuar numa linha, que seria de política social, que antigamente se chamava, " Ação Social ", no Serviço Social e que não permitisse atuar na boa técnica, mas encontrando essas soluções bem voltadas para nossos problemas brasileiros, como nós estávamos mencionando agora, impressiona realmente muito em saber até que ponto nós temos conseguido diagnosticar e oferecer alternativas em torno desse problema, essas imigrações, o problema do menor, o problema da habitação e uma série de padres nosso do nosso dia a dia (risos).

Agora o que eu gostaria muito é que nós nos situássemos realmente para sair, sabe ?

A) - Você acha que ...

J) - Se eu pudesse estuda-lo com profundidade.

Eu gostaria que nós todos profissionais, tivéssemos autoridade nesses assuntos,

Pudéssemos ser consultados e apresentar soluções possíveis.

A) - Você acha que os Assistentes Sociais de hoje, que marcadamente os Assistentes Sociais da primeira fase, eles tinham, estavam todos numa linha da ação social , era marcante ?

J) - Sei, talvez muita técnica, muito voltada assim pra mais para posições técnicas do que para uma possibilidade de atuação.

Mas havia uma preocupação muito grande.

A) - É, uma preocupação com a Ação Social.

E hoje ?

A senhora sente que há uma preocupação das Assistentes Sociais em termos da Ação Social, ou abandonou ou deixou de lado, como é que a senhora vê isso ?

J) - Olha, é tedio a impressão, que existe uma geração de Assistente Social, talvez mais antigos, intermediários, entre aquela primeira fase e a fase atual, que são muito mais profissionais, que as vezes ficam um pouco limitadas à onda de atuação de suas instituições de seus serviços.

Mas a gente sente uma inquietação nas gerações mais jovens, pelo menos eu não se elas chegarão depois ao ponto de querer lutar por esse compromisso, mas elas tem uma preocupação a saber.

Pode ser, espero que elas depois começem a atribuir ao entusiasmo da juventude , mas acho que uma das coisas que nós devemos saber é corresponder a essa inquietação.

Realmente eles procuram qualquer coisa que leve a umamudança Social.

Agora, que há muitos(também assim acomodados) uns não são bons profissionais, então nem mereciam consideração . Mas outras são profissionais realmente assim que procuram ser eficientes, mas eles se limitam aquela outra área de atuação no seu serviço e as vezes em termos mais amplos de uma mudança maior.

A) - Sei.

O Jô, como é que você começou a sua vida de magistério ?

Que você disse que parou em 50 você retornou à profissão ?

- A) - Não se preocupe tanto assim com data, mais ou menos assim, na época ?
- J) - Provavelmente em 50 e 55, eu fui monitora da Escola de Serviço Social e depois fui professora de Ética.

A) - Sei.

- J) - Depois parei de novo por algum tempo.

Retornei à partir entre 62 e 64 eu tive também um curso de Introdução, que se chamava " Introdução ao Serviço Social ", que acho que hoje está muito melhor dentro da técnica geral do que no situado.

Essa Introdução ao Serviço Social, também levantaram muitos problemas.

Na fase final, a gente quase que confundia o que seria propriamente profissão ao Serviço Social, no conhecimento das medidas brasileiras.

Era época da realidade brasileira, das épocas das modificações toda.

E, quando o curso terminou eu acho que foi bem reformulado, no espaço da técnica geral, acho que está muito bem colocado.

E atualmente, desde 73, eu voltei à lecionar Política Social, que eu acho que é um desafio, qualquer coisa que deve ser bem estudada pelos Assistentes Sociais e uma cadeira, na qual a gente encontra assim :

10 muita matéria para estudar e ao mesmo tempo, e quase nada formulado, quase nada definido nesse setor, sabe ?

Acho, que quem hoje trabalha em Política Social e se preocupa não com a teoria Política propriamente, mas com a Política como intervenção na vivência Social, tem um trabalho assim importante muito grande a ser feito e titular uma cadeira é muito difícil, de modo que atualmente e muitas vezes a gente se sente perplexa diante daquilo que a gente deveria transmitir ao aluno e que, por enquanto, as condições, não são muito boas nesse sentido em matéria de bibliografia, em matéria realmente situar problemática Social no Brasil, nos conhecimentos gerais.

- X A) - Você acha que as primeiras Assistentes Sociais tiveram uma formação mais para o apostolado do que profissional ?
- J) - Olha, havia, se a gente entender apostolado como testemunho geral, sim.

Mas, eu não acredito, por exemplo, eu acho bom distinguir, que ninguém fazia proselitismo.

Eu acho que hoje o pessoal está fazendo muita confusão em torno disso.

Uma coisa é você viver sua vida social e ouvir

13

Uma coisa é você viver sua vida normal e das outrs como normal, do que pegar preocupação, insistência em induzir os outros.

Eu acho que o pessoal esta bem informado nesse sentido.

Apezar dela ter uma mentalidade bem ampla, não é ?

Tanto que, se hóje em dia quem continua tem muita abertura fácil em qualquer outras colocações.

A gente aceita plenamente, aceita o ~~f~~ederalismo em relaçao à Assistência Social.

Isso é muito importante.

De modo que nunca me pareceu, é possível que eu esteja vendo assim dentro de uma ótica, fiquei conformada, nunca me pareceu que fosse assim limitador dessa posição.

A) - Mas havia uma preocupação nas Escolas, em dar aquela sentido de servir.

J) - É.

Havia, em servir. Havia esta idéia de servir, essa é uma idéia que ainda permanece.

Mas hoje mesmo estava pensando nisso.

A gente pergunta :

Porque servir à alguém ?

Porque alguém precisa ser servido ?

Será que o fato de alguém ser servido é por consequênciade alguma injustiça ?

Então estava pensando nisso.

Então, a idéia principal, que eu acho que estava atras de tudo isso, é uma idéia de justiça, talvez mais, na medida em que, a idéia de servir Fôsse de uma decorrência de uma injustiça, eu acho que é, era muito válida.

Mas realmente, a idéia maior, era de pensar em justiça social.

Havia muita preocupação em torno dideojustiça social.

A) - Nesse sentido, não é ? É que nesse ...

J) - É que servir, pode assumir nesse sentido assim.

A) - É.

J) - Eu estou em disposição de alguém, de alguma coisa, muito bem.

Agora, realmente você pode se perguntar :

- Porque que alguém precisa que eu esteja à disposição dela ?

Ela poderia viver sua vida normal, sem precisar disso.

A) - É uma questão de justiça.

J) - É uma questão de justiça.

## A justiça Social.

A) - Sci.

Agora, Jô, essa experiência que você diz de hoje, que você está fazendo.

Você está trabalhando?

J) - É, minha experiência por exemplo maior como profissional foi no Serviço Social do INPS.

A) - Sei.

J) - E trabalhado 30 anos no INPS.

A) - 30 anos ?

J) - Bastante, não é?

A) - Não todos nos Institutos, não é?

J) - Eu peguei os Institutos e comecei como uma experiência administrativa.

Não comecei como Assistente Social, eu já era Assistente Social.

Mas como a dificuldade de colocação na época. Eu precisava trabalhar.

Então eu comecei como escriturária.

E acho que foi uma experiência excelente.

Tanto que, quando eu vejo alguns Assistentes Sociais, não quererem se inteirar por exemplo, da vida administrativa.

Eu estou falando na administração no sentido:

Iar, não no sentido burocrático.

A). Seite

De uma Instituição, eu acho um erro tremendo, viu?

Porque você realmente cito uma Instituição, então você se identifica em todos os aspectos dela.

E é muito importante, você conhecer.

Eu não posso me lembrar de um Instituto Social de Previdência, vai ver que não tem uma noção de benefício, não conheço tramitação daquilo tudo e diz:

- Não, eu sou Assistente Social, isso não me interessa.

Acho que tudo interessa a gente.

E a minha experiência administrativa foi muito boa e pode ser transferida plenamente para outras atividades do Serviço Social.

Eu acho que, de vez em quando, quando eu sinto alguém relutar em torno disso, na minha opinião é errado e várias colegas nossas tiveram uma experiência e também pensam assim.

Isso valeu muito, inclusive nos dava segurança.

Quando alguém nos atribui certas tarefas e que não é Serviço Social, bastava dizer isso :

- Olha, eu já fiz isso como administradora, eu conheço.

Issi não é meu. Então isso permitia, sabe ?

Dava segurança bem maior assim.

Agora, acho o Serviço Social do INPS, apesar de tudo que se diz, evoluiu muito.

Eu gosto sempre de lembrar que eu ainda sou do tempo em que a primeira inscrição de serviço que o Moacyr Veloso, conseguiu que fosse baixado em todo Assistente Social; dava como tarefa do Assistente Social do INPS, era fazer pagamento à domicílio.

Então quando a gente contava o que existia naquela época e que hoje está sendo feito; evidentemente, evoluiu melhor como adulto, viu ?

É claro que como todo serviço, tem uma série de dificuldades. Todos nós sabemos.

Uma concepção muito complexa, muito grande, mas eu acho que realmente seria até muito interessante acompanhar a evolução no Serviço Social do INPS, nessa linha, sabe ?

Como começou e até onde se conseguiu chegar, apesar de tudo. E depois de aposentada, eu voltei para a Escola e fui trabalhar na Prefeitura e acho os programas das SEPS, muito interessante. Então, no Departamento de SEPS, Ah não, era SBBES (Secretaria de Bem Estar Social). Aliás, recentemente passou a ser COBES (Coordenação de Bem Estar Social). Mas acho, os programas muito interessantes, principalmente essa linha de trabalho e de educação integrada em que primeiro : Porque o programa de formação do trabalhador, é um programa de grande importância Nacional e segundo, porque nós montamos um sistema que realmente permite da volta do circuito da problemática da pessoa que procura colocação. Ele é orientado para se colocar, se ele tiver alguma dificuldade, ele recebe uma informação profissional,

recebe uma informação profissional, que o situe perante o mercado de trabalho. Se ele tiver alguma dificuldade, ele pode ser encaminhado, para os cursos rápidos de formação profissional.

Ele também tem muita facilidade de obter a documentação necessária para o exercício do trabalho e também como o MOBRAL, está ligado a esse serviço, ele poderá inclusive ser alfabetizado, caso ele tenha necessidade disso.

Então, me parece que o trabalho como concepção do trabalho, é uma concepção muito boa, muito completa.

Agora o que está me entusiasmando, recentemente eu dava para vocês, é o seguinte: Nós estamos querendo fazer uma experiência, nós estamos chamando de " Núcleo de Trabalho " e é o seguinte :

Nós temos um serviço de formação rápido de mão de obra que se chama " FORMD ", um que se constitue de cursos regulares.

Então, o aluno faz o curso, termina e ele procura uma colocação.

Agora, nós temos uma população que nós chamamos de " CAV ", ( Clientela aguardando vaga ) é ~~constituída~~ em geral de mulheres, de pessoas idosas e as vezes de alguns elementos muito jovens, que não conseguiram colocação.

Então, essa clientela, de um modo geral, não tem condições de ingresso em nosso mercado de trabalho.

As vezes, porque algumas mulheres com problemas de dona de casa, problemas de cuidar do filho.

Outros, porque realmente, problemas em questão assim de preparo, escolaridade, de apresentação social, tudo mais, não seriam aceitas numa firma ou no comércio.

Então, nós estávamos pensando numa solução, e uma das ideias foram :

lo foi partir para o artesanato. Depois, nós deixamos um pouco essa ideia de lado, porque surgiu a possibilidade, de estabelecer núcleos de costura.

Então, nós estamos fazendo experiências assim :

Nós trabalhamos sempre com as entidades sociais.

Então, uma entidade que aliás, que é o corpo municipal devolutárias.

Elas não crieam numa determinada população e eles estão ao mesmo tempo que as clientes estão aprendendo a costurar, por exemplo, elas já estão ganhando.

Nós conseguimos um contrato com CMTC e a gente tem possibilidade de ... e alias o CMTC, nos fornece muito grande, uniformes, camisas ...

A) - Que quer dizer CM ...

J) - Desculpe, CMTC, aqui em São Paulo, todo mundo sabe o que é CMTC, é Companhia Municipal de Transporte.

A) - Cenaza.

J) - Uma companhia de ônibus, de São Paulo.

Então, essas ...

Então é a parte mais difícil, quando a gente está trabalhando com esse tipo de coisa.

Bom, e nós estávamos muito entusiasmadas, temos um núcleo em Itaquera, começando outro no bairro Paulista e na periferia, há outros dois núcleos, assim em começo.

Agora, o nosso grande problema, é que nós esbarramos na legislação trabalhista. Essas clientes são autônomas e devem pagar dezesseis porcento, é uma interrogação.

Mas nós temos consultado o INPS, porque nós não queremos fazer nada clandestino, porque é nosso interesse é fazer com que elas sejam liberadas no sentido de profissionalizarem realmente, viu ?

Então não havia interesse para a gente colocar sobre a égis de uma instituição, que disfarçaria a situação delas.

ANA) - Nós queremos ver o aspecto legal da coisa.

J) - Bom, então acontece o seguinte :

Do outro lado alguém protesta :

Não, elas nem podem se intrometer como autônomas, uma vez que elas recebem uma assistência técnica para fazer esse trabalho, quase que caracteriza como emprêgo.

Aí, acontece que a entidade, não tem interesse em ser uma empresa, que ela terá que pagar o 13º, que mais, fundo de garantia etc e tal.

Então, é esse eterno problema delas, em torno da política.

A legislação então, se torna excessivamente protetora e acaba criando ...

ANA) - Problemas.

J) - Aí, talvez não seja um caso de excesso de proteção, é que é uma figura nova e não encontra na nossa legislação trabalhista, não encontra nenhuma

E, nós estamos pensando em apresentar um memorial ao Ministro do Trabalho, enfim, mudar essa situa o.

Ao mesmo tempo, existe aqui em São Paulo, existe também ligado a nós, núcleos assim que preparam bordadeiras.

Eu não sei qual  a situa o de outros estados, mas aqui por exemplo, essas nossas bordadeiras, há uma entidade que tem fila de 6 meses para enc mendar um enxoval. E as mulheres, imediatamente fazem o trabalho e ganham.

Até há pouco chegaram umas portuguêsas, umas angolanas, que bordam muito bem.

De modo que elas estão ganhando satisfat riamente, viu ?

E isso representava talvez, um auxílio muito grande, para essas familias.

De outro lado, eu gostaria também que o problema fôsse alertado, para alguns aspectos assim.

Mesmo, por exemplo, eu li uma vez que em época de crise, a econ mia italiana sustenta muito com esse tipo de atividade de artezanato. Artezanato ou atividade desse tipo, não sei como se chamaria, mas não ligado a empresas.

Então, por exemplo,  esse outro setor que o Serviço Social deveria estudar.

Nós devemos ser capaz de propôr o que nós estamos pensando fazer, algumas medidas de legisla o, que enquadrasse realmente essa popula o.

Seria um auxílio tremendo para as familias, viu ?

Esse trabalho está nos entusiasmando muito, porque o ideal  que nós teri mos condi es de expandir bem êsses números desses núcleos.

Agora, como não queremos fazer nada ilegal, nós estamos tendo dificuldade nesse sentido.

Então, este está sendo, maior desafio atualmente ( risos ) para nós e outr  profissional.

A) - Queria fazer alguma pergunta, D, Ana ?

A senhora estava curiosa...

ANA)- O que ?

A) - Nesse trabalho.

ANA)- Ah, não. Nesse trabalho propriamente não, mas você fez em nuclear.

Então êsses núcleos ser a até tendo como base a Comunidade; onde eles residem ?

J) - Sim.

ANA)- Então, porque não aproveitar e promover todo o Grupo Familiar a que eles per-

J) - Sim .

ANA)- Com um projeto paralelo?

J) - Realmente, a gente pensa que não é possível a gente trabalhar com esse Grupo quando a gente tem que fazer todo um trabalho assim de desenvolvimento com o Grupo Familiar, a que nós estamos chamando agora de dar uma retaguarda.

E aí há várias idéias, uma delas por exemplo, é fazer com que esse núcleo, seja realmente um núcleo, que ela seja de solidariedade e veja se a gente pode evoluir mais tarde na forma de cooperativismo, sabe ?

Isto em relação às formas profissionais.

Agora, ao Grupo Familiar, nós pretendemos atingir um ponto mais tarde, porque no momento, nós trabalhamos só com as mulheres e são moradoras de periferia.

Ora, acho que vocês sabem, a mesma coisa que ocorre no Rio, a periferia é dormitório.

Então, quem está lá durante o dia é exclusivamente a mulher e nós temos a possibilidade de trabalhar, dado as nossas condições, os recursos humanos de técnicas , nós temos possibilidade detrabalhar em determinadas horas, esta entendendo ?

Agora, no momento em que o Grupo se firma, a gente pensa realmente em tornar mais amplo o trabalho.

É uma experiência muito interessante que está ocorrendo na periferia de São Paulo. Não só na linha de assim detrabalho profissional que não é propriamente artezantato, como também experiência de artezahato.

Sabe, na periferia a gente encontra vários Grupos, alguns até dirigidos por verdadeiros artistas e a população é tremendamente lucrativa, sabe ?

Eu me lembro, a pouco nós tivemos uma exposição de ex-alunos do MEC, e duas pessoas pertencente à entidade: havia um senhor, por sinal, um artista, e ele estava com vários trabalhos em madeira, que foram mandados depois para Milão.

De tal modo, era realmente uma revelação artística.

Então, acho interessantíssimo aproveitar, não só o potencial criativo dessa população, como também, no ponto de vista de rendimentos.

Eu acho que eles realmente tem necessidade de aumentar a renda.

E a dona da casa podendo fazer isso, é maravilhoso.

ANA)- Eu queria voltar ao inicio da entrevista, eu queria fazer uma pergunta para você, o seguinte :

— Você acha que o Grupo, quer dizer, essa colocação que se diz, Franco-Belga, como é que você vê essa caracterização do Serviço Social Brasileiro ?

Que é que você chamaría de Franco-Belga, nas posições brasileiras, o iniciado ?

J) - Pela preocupação filosófica, me parece, viu ?

Quer dizer, só <sup>aceitava</sup> o homem <sup>dentro</sup> na sociedade, procurando que a sociedade servisse ao homem da sua relação plena.

Então, houve uma preocupação muito grande com esse problema de Justiça Social.

Parece que seria muito maior. Realmente, nós saímos preocupadas em saber :

Que o homem, como ele deveria ser e faltava a parte do procedimento ;, desses dois.

ANA)- Você conhecesa?mademoiselle Lennouse ?

J) - Eu não conheci nenhuma delas.

Ela ... eu soube que numa época, que elas já tinham estado no Brasil, não tomei conhecimento.

Não conheci, não.

ANA)- Nenhuma delas ?

Nem a prima de mademoiselle Lennouse ?

J) - Veio uma, outra depois, não ?

ANA)- Veio a mademoiselle Baers, mas já veio em 50.

J) - É.

ANA)- Não, em 48.

J) - Eu me lembro de duas que tinham estado aqui.

ANA)- Elas devem ter vindo as duas, porque elas não andavam só, não é ? ( risos ).

J) - As duas.

De modo, que eu acho que era essa preocupação, com a Ação Social.

Aliás, é produto da concepção dessa ideia de justiça e da sociedade a serviço do ...

A) - Jô, você acha que as Assistentes Sociais que foram aos Estados Unidos e que voltaram, trouxeram a técnica, elas não tentaram uma conciliação desses valores, que até então eram dados pela formação Franco-Belga, dando toda essa técnica, você tem a ...

J) - Não.

Dado à personalidade dessas Assistentes Sociais, elas tentaram realmente.

O que eu não sei é se posteriormente, isso se perdeu.

Elas como pensa, tentaram e continuou, não é ?

A) - Continuou até hoje essa conciliação, não é ?

J) - É, essa conciliação.

Agora, eu acredito e talvez possivelmente por questões mesmo da evolução da sociedade brasileira, os problemas num certo sentido, tenha sido, não solucionados, mas amortizados durante uma época toda que não se falava muito mais em estudo.

A) - Certo.

J) - Agora, eu estou pensando naquela grande preocupação com a Justiça Social, quem sabe num certo sentido com a legislação social, satisfez até certo ponto, não é ? E quem como nós, que não estamos sentindo grande parte a evolução social, nos de uma resposta à uma porção de problemas nossos.

ANA)- Gostaria de perguntar.

Eu queria que você me interpretasse a posição da Escola de Serviço Social na Comunidade da sociedade paulista ?

J) - Naquela época ?

ANA)- Naquela época, tinha uma repercussão, representado assim por nível ?

J) - Ocha, esta pergunta está muito difícil de eu responder, eu me lembro ...

ANA)- Houve conflito, oposição do outro mundo, alguma ameaça ?

J) - Não me lembro de nenhum conflito.

Também agora me pergunto :

— Teria atingido, teria ... ela chegou a se fazer notar, essa atração ou não saiu do grupo de pessoas, que realmente estavam interessadas no problema, não sei ?

Como a gente diria hoje; não nasceu com as estruturas ...

ANA)- Não mexeu com as estruturas, , , não extrapolou do grupo ( risos )

J) - De modo que eu não sei, sinceramente eu não sou capaz dizer, até que ponto houve influência.

Do outro lado, foi um problema de relações sociais, mas é possível que, tenha havido uma influência.

Tem uns Assistentes de legislação, em que nunca nós capitalizamos, como se dizia isso, viu ?

a legislação de salário família etc ... são todos frutos daquela época, do Grupo que tanto era da Faculdade de Filosofia de São Bento, como Era da Escola de Serviço Social e que tinha assim, idéias comuns, não é ?

Costume ...

ANA) - Quer dizer, você atribue mais uma idéia de Grupo, de pessoas, de movimento do que propriamente, como um fruto gerado de um trabalho social ?

J) - É, acho que sim.

Um movimento assim de Grupos, mais ou menos, me parece.

Olha, sinceramente, eu não estou muito preparada para entrar nesses termos e de outro lado, a gente esquece muita coisa.

E também sendo jovem, a gente não tem assim ...

A) - É, tem razão.

ANA) - Talvez se tivermos elementos sempre pensando na política, não é ?

J) - É deve pensar.

É bem interessante mesmo, realmente a gente pensar até que ponto tivemos essa influência.

ANA) - Vamos fazer uma pesquisa para ver se a gente ...

J) - Olha eu gostaria por exemplo, que alguém fizesse uma pesquisa da atuação dos Assistentes Sociais, nesse plano de política.

Até em termos de legislação, ouviu ?

Há uma série de Leis, que um dia me esqueço:

Ah ! uma Assistente Social, influiu !

A) - Pode dar até uma sugestão para o pessoal do Mestrado, não é ?

J) - É, o pessoal do Mestrado. Sí!

Há pouco tempo nós estávamos trabalhando aqui.

Um Grupo que legislou sobre o problema deficientes.

Eu acho que a legislação também é ampla, bem feita, agora também há outros aspectos.

Quando a gente percebe, algum deputado ou vereador, se assenhora à idéia.

Mas o importante é que tenha sido conduzido à um aspecto técnico.

A) - É aquele aspecto técnico para ...

J) - Então deve ter acontecido muito isso, os Assistentes devem ter influenciado uma série

de medidas e tudo mais e que nunca apareceu.

As Assistentes nunca escreveram um pouco ...

A) - É, não estavam querendo se preocupar com isso.

Estavam preocupadas em servir.

J) - É, estavam preocupadas em servir e não pensou por exemplo, que isso serviria sua profissão, documentasse isso, não ?

A) - É.

J) - É, realmente a gente não pensava.

ANA) - Como vocês nunca pensaram em estudar os primeiros problemas em que linha fôram, não é ?

J) - É, realmente a gente não tinha nenhuma preocupação assim nesse sentido.

É seria bem interessante, ser capaz de fantasiar completamente qual teria sido a contribuição nesse sentido ?

A) - Como é que as Escolas descobriam os lugares, os campos, onde os Assistentes Sociais deveriam atuar nesses terrenos? não sei.

J) - É, também ...

A) - Se eram pedidos ou não ?

J) - Eu me lembro muitas vezes de pedidos.

Pedidos de entidades.

A) - Sei.

J) - Pedidos de empresas.

Tudo nessa linha.

Possivelmente haveria também outras ...

A) - Sei.

J) - De modo de atuação, demodo realmente que eu não sei.

A) - O seu TCC, foi sobre o que ?

Sobre seu trabalho ?

Sua tese, na época ?

J) - É, até esqueci de dizer, imagina,

A) - Mas, eu ia te perguntar ( risos ).

J) - Não é assim tão relatado não.

Aliás, ele foi tão ... não te ve muita significação.

Mas eu fazia um estágio no comércio e estava interessada em orientação profissional e então eu tinha feito um levantamento, não passou assim de um levantamento

à Colmeia, em relação à vocação das crianças.

Sabe, a orientação profissional das crianças.

A) - Sei. E você diz que tinha muita expressão.

J) - Eu acho, que talvez ela correspondesse uma necessidade na época, mas ele realmente, por mim, não foi muito explorado.

Quer dizer, eu não tinha todas as consequências possíveis desse problema.

A) - Sei.

J) - E de outro lado, a própria instituição, na ocasião mais tarde, ela se interessou muito nesse aspecto, mas não estava na ocasião, também muito interessada.

Então o negócio é como eu ~~bem~~ outro dia :

a idade é o mesmo que a gente nunca deve ter razão cedo demais (ela ri)

A) - Quer dizer é hoje, tão importante, não é ?

J) - É, hoje é tão importante. Porque que você voltou às origens, não é ?

(Risadas)

J) - Realmente é o mesmo campo, não é ?

Voltou às origens.

O que não deixa de ser interessante o trabalho realmente, mas e agora resta se arranjar, encontrar uma outra fase, não é ?

Com outras melhores encaminhadas.

A) - Mas é interessante, que já foi um ponto, que naquela época com conhecimento mais reduzido.

J) - É, só acho assim :

O trabalho só evidenciava uma preocupação.

Mesmo, não acredito que tenha sido muito bem trabalhado.

A) - Bem, mas também...

J) - De qualquer modo ~~sitioso~~.

A) - De qualquer maneira situou, levantou o problema, não é ?

Isso é muito importante.

Olha Jô, eu queria agradecer a você esta entrevista, esse papo tão gostoso.

Mas foi muito bom a gente poder conversar um pouquinho no passado, não é ?

J) - Pois é.

Engraçado você vai registrando no passado, que eu estive me lembrando está tão

A) - Você gostou de contar ?

J) - De rever, de recordar.

A) - O que alias, eu tenho percebido nas entrevistas, que no inicio as pessoas ...

J) - As pessoas em geral gostam.

A) - Que no inicio as pessoas ficam meio assim ... mas<sup>em</sup> no final ...

J) - É

A) - Dá uma satisfação, assim de ver quanta coisa foi feita, e que ela não lembra<sup>mais</sup>.

Que não está nada escrito, não é ?

J) - De nosso vicio de não documentar nada, não é ?

A) - É, e que ela pode ver que ela deixou alguma coisa para o Serviço Social, não é ?

J) - É, realmente. Gostei.

A) - Eu queria agradecer a você.

J) - Então, duas pessoas, está muito agradável ( risos ).

A) - Queria agradecer sua gentileza em você ter me atendido, aqui em São Paulo.